

MARIA DO CARMO FERREIRA: MEMÓRIA, CORPO E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DO FEMININO

Rodrigo Felipe Veloso¹

Maria do Carmo Ferreira nasceu em 21 de dezembro de 1938, na cidade de Cataguases, Minas Gerais. Ainda na adolescência, transferiu-se com a família para Belo Horizonte, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na década de 1970, realizou mestrado em Literatura Comparada na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, fixou residência em São Paulo, atuando como redatora na agência de publicidade de Décio Pignatari. Em 1974, passou a trabalhar na Rádio MEC, no Rio de Janeiro, exercendo as funções de criadora, pesquisadora, redatora e coordenadora de programas literários. Na década seguinte, mudou-se para Niterói, onde estreitou seus vínculos com a religiosidade católica, prática que mantém até o presente.

Embora tenha iniciado sua produção poética ainda na juventude, Maria do Carmo Ferreira permaneceu inédita em livro até recentemente, condição que ela própria tematiza no poema “Entrevista”: “Poesia é o que faço./ Sou inédita em livros./ Tenho sessenta e um anos/ e uma centena e meia/ de poemas...” (Ferreira, 2024c, p. 32-33). Esse longo silêncio editorial contrasta com a maturidade estética de sua escrita, agora finalmente revelada ao público por meio da publicação de sua obra reunida.

Sua trajetória também se articula à história da poesia concreta. Em 1967, ao ler o poema “Meretrilho”, Murilo Rubião identificou na escrita da autora uma aproximação sensível e crítica ao projeto concretista, apresentando-a a Décio Pignatari, Haroldo e

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Membro permanente do Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ-UFMG), Grupo de Pesquisa sobre a Diáspora e a Memória na Literatura de Escritoras Judias no Brasil (UNIMONTES), no projeto Resgatando a Dignidade e a Liberdade por meio da Leitura (UNIMONTES) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLUS-UEPB). E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.

Augusto de Campos, que publicaram o poema na revista *Inventário*. Ainda assim, a poeta manteve-se à margem da visibilidade literária por décadas, gesto que reforça o caráter ético e discreto de sua trajetória.

A publicação da trilogia *Cave Carmen, Coram populo e Quantum satis* (Goiânia: Martelo, 2024), organizada por Fabrício Marques e Silvana Guimarães, com projeto gráfico de Caio Borges, representa um acontecimento editorial de grande relevância para a poesia brasileira contemporânea. Trata-se não apenas da reunião de uma obra até então dispersa e inédita em livro, mas também da revelação de uma das vozes femininas mais singulares da lírica recente.

A linguagem poética de Maria do Carmo Ferreira caracteriza-se por alta densidade imagética, por uma forte corporeidade do signo e por um constante tensionamento entre intimismo e crítica social. Sua poesia opera por meio de metáforas do corpo, da natureza, da memória e da experiência feminina, instaurando uma poética simultaneamente sensorial, metafísica e política. Acerca disso, Silvana Guimarães observa que a poeta “fez da poesia seu modo de vida” (Guimarães, 2024 apud Ferreira, 2024a, p. 107), construindo uma linguagem “ordenada/desordenada com extrema habilidade” (p. 106), marcada por formação erudita e eclética.

Essa poética se afirma como “radicalmente” contemporânea, na medida em que aposta no risco da linguagem, no desvio, na inquietação e no artifício. A linguagem, em Ferreira, não é mero instrumento de comunicação, mas campo de conflito, de invenção e de resistência simbólica. O próprio gesto metapoético se explicita no verso: “um poema é um poema é/ um poema é um poema/ cada um cada um/ raro é ser para sempre” (Ferreira, 2024c, p. 36), indicando uma concepção aberta, processual e inacabada do fazer poético.

O corpo feminino emerge como território central de inscrição da memória, da identidade e da resistência. Em “Um corpo e seus cognatos”, lê-se: “o corpo dela era um jardim fechado,/ fonte selada o corpo. (...) O templo dela, o corpo, sua cabala (...)” (Ferreira, 2024b, p. 14). O corpo, aqui, ultrapassa a materialidade biológica e se constitui como espaço simbólico de subjetivação. Essa concepção dialoga, inclusive, com a noção bergsoniana de corpo como centro da percepção e da experiência (Bergson, 1999).

A memória aparece como palimpsesto, onde marcas pessoais e coletivas se sobrepõem, bem como constrói uma linhagem intergeracional feminina atravessada por silenciamentos, dor e resistência. A fragmentação do eu também se apresenta como eixo

temático, confrontando o desejo de inteireza com a experiência da finitude: “metade na outra parte que nos coube,/ vivendo, sem morrer, pela metade” (Ferreira, 2024c, p. 100).

A maternidade, o envelhecimento e a medicalização do corpo feminino são abordados com lucidez crítica, como se vê em: “estas mãos que posaram giocondas/ ... hoje são sintomas/ do que o passado pôde sobre elas” (Ferreira, 2024b, p. 161). Já em “Camisola de cambraia”, a musicalidade intensifica a tensão entre sensualidade e repressão: “ai de quem cai em tua alfaia/ açulando a sós fogueira/ longa louca leve gaia” (Ferreira, 2024b, p. 143).

O poema “Desafio”, objeto de análise mais detida, sintetiza a concepção da escrita como necessidade existencial: “escrevo o que arranca o peito/ por não poder me conter” (Ferreira, 2024c, p. 25). Escrever, aqui, não é escolha, mas urgência visceral. O poema ainda articula crítica social, denúncia da indiferença contemporânea, morte simbólica da tradição e virtualização da experiência: “Enquanto as aranhas tecem/ suas nets que encobrem o orbe” (Ferreira, 2024c, p. 25). A tecnologia aparece, nesse sentido, como metáfora de um tempo que encobre a memória e esvazia os vínculos humanos.

A leitura da Poesia reunida (*Cave Carmen*, *Coram populo* e *Quantum satis*) de Maria do Carmo Ferreira revela uma obra de altíssima densidade estética, filosófica e ética. Trata-se de uma poesia que não se acomoda a fórmulas, que recusa a superficialidade e que exige do leitor um envolvimento sensível, crítico e reflexivo. A autora constrói uma escrita comprometida com a experiência do corpo, com a memória feminina, com as marcas da dor, mas também com a potência do desejo, da linguagem e da resistência.

Recomenda-se fortemente a leitura desta obra a pesquisadores da literatura contemporânea, dos estudos de gênero, da crítica feminista, da poética do corpo e da memória, bem como a leitores interessados em uma poesia que articula subjetividade, crítica social e elaboração simbólica com alta sofisticação formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética de Maria do Carmo Ferreira articula corpo, memória e linguagem como territórios de subjetivação, ruptura e resistência. Sua obra, agora plenamente acessível ao público por meio da edição da Poesia reunida (*Cave Carmen*, *Coram populo* e *Quantum satis*), reafirma com vigor a potência transformadora da voz feminina na poesia contemporânea

brasileira. Trata-se de uma escrita que enfrenta o silenciamento histórico, que reconfigura a experiência feminina no plano simbólico e que inscreve o íntimo como gesto político.

Além de sua relevância estética, a obra de Ferreira apresenta fortes implicações para os estudos literários contemporâneos, sobretudo no campo da crítica feminista, da poética do corpo, dos estudos da memória e da subjetividade. Sua poesia amplia os horizontes da recepção crítica ao oferecer uma lírica que pensa o tempo, a tradição, o envelhecimento, a dor e o desejo em diálogo com as condições históricas da modernidade tardia.

Assim, a publicação da obra não apenas resgata uma voz singular, mas também reposiciona Maria do Carmo Ferreira no cenário da literatura brasileira como uma das mais expressivas poetisas do contemporâneo, cuja obra permanecerá como referência fundamental para a reflexão sobre gênero, memória, linguagem e resistência.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Maria do Carmo. Cave Carmen, Coram populo, Quantum satis. In: FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida: Org. Fabrício Marques e Silvana Guimarães*. Goiânia: Martelo, 2024.

FERREIRA, Maria do Carmo. Cave Carmen, livro 1. In: *Poesia reunida, livro 1. Org. Fabrício Marques e Silvana Guimarães*. Goiânia: Martelo, 2024a.

FERREIRA, Maria do Carmo. Coram populo, livro 2. In: *Poesia reunida. Org. Fabrício Marques e Silvana Guimarães*. Goiânia: Martelo, 2024b.

FERREIRA, Maria do Carmo. Quantum satis, livro 3. In: *Poesia reunida. Org. Fabrício Marques e Silvana Guimarães*. Goiânia: Martelo, 2024c.

GUIMARÃES, Silvana. Apontamentos sobre um lirismo indiscreto e concreto. In: FERREIRA, Maria do Carmo. *Poesia reunida, livro 1: Cave Carmen. Org. Fabrício Marques e Silvana Guimarães*. Goiânia: Martelo, 2024a.

Submetido em 28/05/2025
Aprovado em 06/12/2025
Publicado em 31/05/2026
